

**PERIFERIA É PERIFERIA: UMA ANÁLISE DAS SEMELHANÇAS
ENTRE O CORTIÇO E SOBREVIVENDO NO INFERNO**

***PERIPHERY IS PERIPHERY: AN ANALYSIS OF THE SIMILARITIES
BETWEEN O CORTIÇO AND SOBREVIVENDO NO INFERNO***

Marcos Vinícius Silva Andrade.¹
Vanessa Goes Denardi.²

RESUMO

Este artigo propõe apontar os aspectos semelhantes, literários e sociais, entre o romance “O Cortiço” (1890), de Aluísio de Azevedo, e o álbum musical “Sobrevivendo no Inferno” (1997), lançado pelo grupo de Rap Racionais MC's. Para desempenhar tal proposta, foi realizada, primeiramente, uma apresentação do movimento Naturalista e do gênero musical Rap, procedida pela análise dos discursos, traçando possíveis comparações no que se refere às características narrativas e ao retrato da dura realidade da vida em ambientes precarizados, seja no cortiço Cabeça de Porco, retratado por Aluísio de Azevedo, seja no distrito periférico do Capão Redondo, habitado pelos membros do Racionais MC's. Apesar de apresentarem distinções qualitativas e de estarem inseridos em diferentes tempos e espaços, além de somarem décadas de existência, concluímos que tanto “” quanto “Sobrevivendo no Inferno” continuam descrevendo cenários que ainda fazem parte do Brasil atual e, por isso, mantêm a sua relevância para o meio literário e cultural

Palavras-chave: Literatura; Rap Nacional; Periferia.

ABSTRACT

This article proposes to point out the similar literary and social aspects between the novel O Cortiço [The Tenement] (1890), by Aluísio de Azevedo, and the musical album Sobrevivendo no Inferno [Surviving in Hell] (1997), released by the Rap group Racionais MC's. To carry out this proposal, first, there is a presentation of the Naturalist movement and the musical genre Rap, followed by the speeches analysis. This leads to possible comparisons between the narrative characteristics and the portrait of the harsh reality of life in precarious environments, whether in the Cabeça de Porco tenement portrayed by Aluísio de Azevedo, or in the peripheral district of Capão Redondo, inhabited by members of Racionais MC's. Despite presenting qualitative distinctions and being inserted in different times and spaces, in addition to having decades of existence, we conclude that both O Cortiço and Sobrevivendo no Inferno continue to describe scenarios that are still part of Brazil today and, therefore, maintain their relevance for the literary and cultural space.

Keywords: Literature; National Rap; Periphery.

¹ Graduando em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Estácio de Sá.

² Professora do Centro Universitário Estácio de Santa Catarina e da Faculdade Estácio de Florianópolis. Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). e-mail: goes_vanessa@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A temática deste trabalho surgiu no ano de 2018, quando houve a inclusão do álbum “Sobrevivendo no Inferno” (1997) no rol de leituras obrigatórias do vestibular da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). A decisão inédita de um disco de Rap dividir espaço com obras literárias de renome gerou inúmeros debates na época. O “incômodo” girou em torno do fato de um grupo como os Racionais MC's, de origem e com temáticas periféricas, possuir a mesma importância acadêmica quanto Camões ou Machado de Assis. Entretanto, apesar de um lado mais conservador da sociedade criticar a UNICAMP, ficou claro que a escolha da universidade se tratava de um marco, já que extrapolava mais amplamente o campo das artes literárias.

Acauam Silvério de Oliveira (2018) reforça a decisão da instituição com a valorização exponencial da obra nos últimos anos:

O gradual reconhecimento do valor estético e cultural da obra levou também a um crescente interesse acadêmico, que se faz multiplicar em teses, artigos e dissertações [...]. Seu impacto no cenário nacional pode ser comparado sem exageros ao de outras grandes obras pertencentes aos mais diversos campos culturais, como Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa, Terra em transe, de Glauber Rocha, e Chega de saudade, de João Gilberto. (OLIVEIRA, 2018, p. 22-23).

Mesmo enfrentando inúmeras polêmicas, a importância educacional do disco “Sobrevivendo no Inferno” é considerável, pois as abrangências literária, social e antropológica dos Racionais MC's sobre a realidade periférica solidificam o *status* de “clássico” do álbum. Sendo assim, com intuito de reafirmar a importância de “Sobrevivendo no Inferno” em um meio considerado tão erudito como a literatura, o objetivo deste trabalho é apontar aspectos narrativos e sociais que se assemelham a uma obra clássica brasileira: o livro “O Cortiço” (1890).

Ao analisarmos a abordagem realista e crítica presente na poesia que compõe o álbum de Rap, percebemos que as letras se assemelham ao movimento literário naturalista, muito especialmente à obra de maior destaque do naturalismo brasileiro, o romance “O Cortiço”, trocando similaridades, embora com diferenças qualitativas, no que se refere ao âmbito extratextual. Nota-se que ambos os trabalhos possuem suas histórias ambientadas em áreas

marginalizadas das cidades, detalhe que se transfigura em ponto-chave para a argumentação do tema abordado. Tendo em vista que o cortiço descrito no livro de Aluísio de Azevedo foi parte embrionária para a formação das favelas que, futuramente, passaram a ser ocupadas pelos integrantes do Racionais MC's. De acordo com Kehl (2010, *apud* OLIVEIRA, 2010, p. 29):

A demolição do cortiço Cabeça-de-Porco, em 1893, teria originado a primeira ocupação no Morro da Providência, que passou a ser denominado Morro da Favela em decorrência da semelhança da situação topográfica em que o povoado de Canudos estava inserido, permitindo a visualização do Morro da Favella, que recebia este nome devido à “faveleira”, uma árvore local.

Diante do exposto, para que fosse possível realizar a análise dos textos, delimitamos toda amplitude literária a apenas à escola naturalista, pois o movimento, bem como o renomado romance “O Cortiço”, partilha semelhanças com o álbum dos Racionais MC's, as quais vão além de características narrativas. Dessa forma, o artigo foi segmentado para possibilitar uma melhor compreensão do tema: inicialmente, apresentamos uma breve síntese do movimento naturalista, explorando o contexto histórico, o resumo da obra de Aluísio de Azevedo e os fatores que influenciaram a sua produção.

Da mesma forma, as origens do movimento cultural Hip-hop foram sucintamente expostas, limitando a pesquisa ao gênero musical Rap, considerando o principal grupo que representa o estilo no país, os Racionais MC's, e analisando as circunstâncias histórico-sociais que influenciaram a composição do álbum “Sobrevivendo no Inferno”.

Isto posto, partimos para a análise das duas obras. Em um primeiro momento, apontamos as semelhanças narrativas presentes no livro e no disco e, na sequência, realizamos a comparação de ambas quanto a ambientação e outros fatores externos sugestionados na construção das obras, os quais dão fundamento para ressaltar a importância literária e educacional do álbum “Sobrevivendo no Inferno” e dos Racionais MC's.

Por fim, cabe salientarmos que, para concebermos uma análise metodológica fundamentada e concreta sobre o tema, elegemos uma abordagem qualitativa de pesquisa e utilizamos de bibliografias como suporte teórico. Assim, autores como João Cândido, Alfredo Bosi e José de Nicola foram essenciais para esclarecer questões literárias; Acum Oliveira foi mobilizado para elucidar pontos relacionados à cultura hip-hop; e Florestan Fernandes e Silvio

de Almeida embasam as questões relacionadas aos aspectos sociológicos que envolvem o trabalho.

2. O NATURALISMO E SEU CONTEXTO

Com a proposta de se opor à corrente literária do Romantismo, o Realismo e, por consequência, o Naturalismo, surgiram em meados do século XIX. As obras, que antes traziam uma representação romantizada da vida, passaram a carregar uma visão real e explícita sobre a vida. A mudança também proporcionou um olhar crítico, principalmente de cunho social e político, sobre partes pouco exploradas da sociedade. Tal característica impactou não apenas a estética narrativa, mas também os temas abordados e as personagens dos escritos. Como ressaltado por Alfredo Bosi (1980):

[...] é sempre válido dizer que as vicissitudes que pontuaram a ascensão da burguesia durante o século XIX foram rasgando os véus idealizantes que ainda envolviam a ficção romântica. Desnudam-se as mazelas da vida pública e os contrastes da vida íntima; e buscam-se para ambas causas naturais (raça, clima, temperamento) ou culturais (meio, educação) que lhes reduzem de muito a área de liberdade (BOSI, 1980, p. 188).

Entretanto, apesar de partilharem dos mesmos ideais, Realismo e Naturalismo possuem distinções na maneira que são expressos. José de Nicola (1995, p. 119), considera que a escola literária realista exprime uma abordagem sociocrítica pautada na observação psicológica das personagens e suas singularidades. Já o movimento naturalista, visto como uma versão extremada em comparação ao primeiro, apresenta questionamentos semelhantes através de conceitos cientificistas e patológicos. José de Nicola (1995, p. 120) também ressalta que o naturalismo possui um olhar amplo, em detrimento da individualidade realista, ao promover análises críticas por meio de grupos sociais.

As obras precursoras que possibilitaram a difusão de tais movimentos ao redor do mundo foram o romance “*Madame Bovary*” (1856), de Gustave Flaubert, representando o Realismo, e “*Thérèse Raquin*” (1867), de Émile Zola, no que se refere ao Naturalismo. No Brasil, o Realismo foi inaugurado em 1881, por Machado de Assis, com “*As Memórias Póstumas de Brás Cubas*”, e o primeiro registro literário naturalista foi marcado no mesmo ano com o romance “*O Mulato*”, de Aluísio de Azevedo.

O contexto histórico-social é crucial para compreendermos a formação das escolas literárias. Através de causas exteriores que circundam os autores e suas obras, podemos apontar as origens de certas características expressas nos movimentos. Para Dominique Maingueneau (2001, p. 19): “[...] a obra é indissociável das instituições que a tornam possível: Não existe tragédia clássica ou epopeia média fora de uma certa condição dos escritores na sociedade, fora de certos lugares, de certos modos de elaboração ou de circulação de textos.”.

Seguindo esse preceito, a escola naturalista não ficou alheia aos seus arredores durante sua formação. O mundo no século XIX passava por grandes inovações políticas, sociais e científicas, fatores que impactaram fortemente o Naturalismo e moldaram os escritos da geração. De acordo com José de Nicola (1995, p. 116), com a decorrência do avanço da revolução industrial e a solidificação do capitalismo, parte da população operária passou por um processo de marginalização, fato que proporcionou uma melhor visualização de outro lado da sociedade, levando em consideração que tais problemas de cunho social estavam cada vez mais perceptíveis.

No Brasil, a recente abolição da escravatura foi também cenário para o surgimento de novas interpretações, já que “a Lei Áurea, de 1888, não resolveu o problema dos negros, mas criou uma nova realidade ” (NICOLA, 1995, p. 117), pois, apesar dos avanços, os negros continuaram em situações deploráveis e imersos na marginalidade.

O Naturalismo também foi alvo das correntes filosóficas e científicas com as quais compartilhava o mesmo período histórico. As principais vertentes que auxiliaram nas observações realizadas pelo movimento e influenciaram na esfera narrativa foram o evolucionismo, o positivismo, o materialismo e o determinismo. Para Alfredo Bosi (1980, p. 191), a implementação de um viés patológico deu aspecto de caráter experimental ao Naturalismo, característica que fez o movimento se dissociar do Romantismo, pois, ao aplicar em suas personagens comportamentos animais baseados no darwinismo e princípios do determinismo racial e geográfico, a literatura naturalista assumiu a figura de objeto de estudo das leis naturais.

Ao considerarmos as obras mais expoentes do movimento literário em território brasileiro, deparamo-nos com o romance “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, que sintetiza tudo as características do Naturalismo. O romance narra uma série de episódios que, de acordo com os conceitos que estruturam o movimento naturalista, estavam fadados a acontecer devido à posição racial, social e geográfica dos habitantes do cortiço.

Tal ideia torna-se evidente através da dinâmica exercida entre os personagens centrais da trama, o mercador e dono de cortiço, João Romão, e a escrava fugida Bertoleza. Constantemente o comerciante, movido pela ganância fomentada pelo materialismo, se desgarrava de conceitos morais e éticos na tentativa de enriquecer a todo custo. Comportamento que atingiu o ápice quando utilizou as economias da escrava, voltadas para compra de uma carta de alforria, para a aquisição de um terreno, decisão essa que manteve Bertoleza na condição de trabalhos forçados.

De acordo com Antônio Cândido (1991, p. 113), “a originalidade do romance de Aluísio está nessa coexistência íntima do explorado e do explorador, tornada logicamente possível pela própria natureza elementar da acumulação num país que economicamente ainda era semicolonial”. Tal ideia se confirma com a máxima da relação entre classes, representada pelas personagens e guiada pelo viés determinista, no qual a fortuna do abastado tende a crescer e o pobre está fadado a permanecer na miséria. A história segue demonstrando os inúmeros desvios de caráter dos moradores do cortiço Cabeça de Porco e o acúmulo de atos que resultaram em consequências devastadoras, como o incêndio que destruiu parte do cortiço e a morte por suicídio de Bertoleza. O livro, mesmo contendo personagens centrais, transpõe o protagonismo para o próprio cortiço devido a sua configuração naturalista de analisar experimentalmente o coletivo. Para Alfredo Bosi (1980):

Só em *O Cortiço*, Aluísio atinou de fato com a fórmula que se ajustava ao seu talento: desistindo de montar um enredo em função de pessoas, ateu-se à sequência de descrições muito precisas onde cenas coletivas e tipos psicologicamente primários fazem, no conjunto, do cortiço a personagem mais convincente do nosso romance naturalista. (BOSI, 1980, p. 212).

O próprio autor deixa explícito a ideia de personificação daquele que intitula o livro ao humanizar, em uma das passagens mais notórias da obra, o cortiço. “Eram cinco horas da manhã

e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas.” (AZEVEDO, 2006 [1890], p. 30). Considerando que seus habitantes são meras peças que em conjunto lhe dão vida, o cortiço exerce seu protagonismo ao definir o destino dos personagens por meio de suas condições degradantes e a ótica determinista presente no Naturalismo.

O impacto de Aluísio Azevedo na literatura brasileira, expressada, principalmente, pelo seu pioneirismo naturalista, reverbera até hoje. Podemos perceber traços da narrativa do autor em trabalhos que vão além da literatura. Inúmeras novelas, séries, filmes e músicas incorporam o ponto de vista naturalista para promover reflexões e críticas sobre as mazelas da sociedade. Seja direta ou indiretamente, o legado do autor maranhense perpetua através de obras que buscam apresentar a realidade brasileira.

3. A RELEVÂNCIA E A ABORDAGEM SOCIAL DO MOVIMENTO HIP-HOP

Surgido na década de 1970, nos Estados Unidos, o movimento cultural conhecido como Hip-Hop também é produto de seu contexto histórico. Seja pelo caráter meramente subversivo, seja pela forte crítica aos problemas enfrentados pela parcela marginalizada da população, o movimento se difundiu rapidamente nos principais guetos nova iorquinos através dos seus quatro pilares: a dança representada pelo *break*, o *DJing*, a música, e a arte dos grafites. Para o músico Marcelo Yuka (2007), o Hip-Hop desempenha um papel social de conscientização no seu local de origem, levando em consideração que o Estado, muitas vezes, não atua da mesma forma. Portanto, conquistas como a união de minorias e redução da violência criada pelo crime organizado podem ser diretamente atreladas à criação do Hip-Hop. “Esse foi o grande primeiro paço do hip-hop e, por isso, ele se estabeleceu antes mesmo de ser inserido na indústria cultural.” (YUKA, 2007, p. 14).

Logo, com sua rápida popularização, o movimento expandiu e deixou os guetos norte-americanos para alcançar a notoriedade global. No Brasil, uma década após sua criação, a cultura Hip-Hop foi abraçada e adaptada à realidade do país pelas favelas e periferias. Jessica Balbino (2010, p. 134), frisa a necessidade do movimento dentro desses espaços: “O hip-hop é

fundamental para a periferia. Ele é a força que vem do lado negro, pobre e inferiorizado. É o grito que emana dos morros, guetos e favelas. É a voz dos excluídos da periferia. É a ferramenta para quem já nasce condenado à exclusão social ”. No entanto, apesar da importância, o Hip-Hop continua sendo alvo de críticas e preconceito devido a sua origem.

Visto como a principal vertente do Hip-Hop, o Rap agrega todas as filosofias presentes no movimento do qual faz parte e as converte musicalmente. Conforme a sigla autoexplicativa *Rhythm and Poetry* (Ritmo e Poesia), o gênero musical mescla o ritmo das batidas à poesia das rimas. Nas letras das composições, os rappers comumente refletem sobre as realidades dos seus entornos.

Com a grande variedade de abordagens, o gênero musical foi subdividido por estilos categorizados de acordo com a temática dos Raps. Os temas podem variar desde um retrato a respeito das condições de vida insalubres na periferia com um viés crítico e denunciatório, conscientizar sobre as desvantagens da vida do crime e até ostentar uma vida rica e luxuriosa. Por um longo período de tempo, mesmo com o surgimento de novos estilos, o Rap nacional manteve a roupagem realista, crítica e conscientizadora como principal forma de expressão. Essa estética foi difundida e pavimentada no Brasil pela dupla Thaíde e DJ Hum, assim como pelos rappers MV Bill e Dexter, e por grupos como Facção Central, Realidade Cruel e Racionais MC's.

No ano de 1988, Pedro Paulo Soares Pereira (Mano Brown), Paulo Eduardo Salvador (Ice Blue), Kleber Geraldo Lelis Simões (DJ KL Jay) e Edivaldo Pereira Alves (Edi Rock) formaram o que viria ser o grupo de Rap mais influente e significativo do Brasil. Inspirados pelo subgênero *Gangsta Rap*, de grupos como N.W.A, e pelo rapper Ice-T, os Racionais MC's adaptaram o modelo à realidade brasileira lançando um olhar crítico sobre os crimes presentes nas favelas paulistanas.

Desde sua estreia em 1990, com o EP “Holocausto Urbano”, a realidade retratada pelo grupo carrega um discurso contundente e denunciatório sobre os problemas enfrentados por minorias periféricas, como a pobreza, o racismo, o crime organizado, a violência policial, o tráfico e o vício em drogas. Ao longo de quase uma década e três discos, os Racionais MC's

seguiram expondo as mazelas das periferias da zona sul e norte de São Paulo e foram se tornando a voz dessas comunidades. Aos poucos, o quarteto foi se consolidando no cenário do Rap nacional e caminhando para aquilo que seria um marco para o gênero musical no Brasil.

Considerado a “bíblia” do Rap nacional, o álbum “Sobrevivendo no Inferno”, lançado em 1997, faz jus ao nome. No disco, Mano Brown, Edi Rock, Ice Blue narram a realidade periférica que seguiu quase inalterada desde a criação do grupo. A diferença está presente no tom do álbum que, seja pela forma narrativa, seja pelas batidas do DJ KL Jay, mostra-se de forma sombria e quase fúnebre. Outro fator que molda e impacta diretamente a atmosfera da obra é o contexto social e a época em que os Racionais MC’s estavam inseridos. De acordo com Acauam Oliveira (2018, p. 19), tragédias como o massacre do Carandiru (1992) e as chacinas da Candelária e de Vigário Geral (1993), compuseram o sentimento de revolta que refletiu na formação do conceito do álbum:

A compreensão profunda dessas tragédias — não como meros acidentes de percurso da civilização brasileira, mas como fundamentos mesmo de um projeto nacional — estará no centro de diversas mudanças ocorridas no campo cultural, que progressivamente tornariam possível o surgimento daquele que seria um dos mais importantes fenômenos culturais da história do país [...] (OLIVEIRA, 2018, p. 20).

Além disso, os Racionais MC's também vivenciaram uma realidade trágica. No final da década de 1990, o distrito do Capão Redondo, juntamente com as comunidades vizinhas, Jardim Ângela e Parque Santo Antônio, formavam o que seria conhecido como Triângulo da Morte. O Capão Redondo, onde habitavam Mano Brown e Ice Blue, registrava, à época, a maior taxa de homicídios de São Paulo, e o Jardim Ângela era considerado o bairro mais violento do mundo pela Organização das Nações Unidas (ONU). Assim, motivados pela situação degradante das periferias e uma necessidade de mudança, os Racionais MC's seguiram o instinto natural do Hip-hop e retrataram em “Sobrevivendo no Inferno” essa realidade que estavam inseridos.

Desta forma, o próprio título do álbum já norteia o ouvinte para o tema central. Sobreviver no inferno, conforme o retrato dos Racionais MC 's, seria a tentativa de viver uma vida digna dentro do cotidiano caótico da periferia, assim Mano Brown (1997) relata na música “Genesis”: “Eu? Eu tenho uma bíblia véia, uma pistola automática e um sentimento de revolta. Eu tô tentando sobreviver no inferno.” (RACIONAIS MC’S, 1997).

A constante luta pela sobrevivência mostra-se presente nas 12 faixas que constituem o álbum. Por meio de personagens ficticiais e *Storytelling* (Narrativa), técnica apropriada pelo Rap que consiste em contar uma história por meio das rimas, o grupo explora temas que abrangem a realidade periférica. O racismo é duramente pontuado em faixas como “Capítulo 4,” “Versículo 3” e “Em Qual Mentira Vou Acreditar?”. O vício em drogas e o duro cotidiano periférico também é retratado pelos rappers em “Mágico de Oz”, “Fórmula Mágica da Paz” e “Periferia é Periferia”.

O ponto alto do disco está presente na quarta e na sétima faixa do disco, onde o grupo lança um olhar sobre o mundo do crime e suas consequências. Em “Tô Ouvindo Alguém me Chamar”, Mano Brown assume o papel de narrador-personagem e retrata o começo e o final de uma vida na criminalidade. Sem perspectiva de vida e seduzido pelo dinheiro rápido advindo da ilegalidade, o personagem central é introduzido a esse mundo por Guina. A trama segue narrando os crimes cometidos por ambos, expondo um “caminho sem volta”. No entanto, apesar de afundado no crime, o protagonista segue com a esperança de viver dentro da legalidade, como repetido inúmeras vezes ao longo da música: “Mas se eu sair daqui eu vou mudar” (RACIONAIS MC'S, 1997). Porém, a única saída que o personagem encontra é através de sua morte no final da música, destino de muitos que entram para a vida do crime.

Já em “Diário de um Detento”, os Racionais MC's expressam a realidade carcerária ao relatar os últimos dias de um prisioneiro antes do Massacre do Carandiru. Por meio dos versos escritos por Jocenir Prado, ex-detento do Carandiru, o grupo musical reproduz na música o cotidiano violento e insalubre dentro do presídio. Walter Garcia (2007), ressalta a importância descritiva e histórico social dessa faixa do álbum:

[...] É justo se enfatizar a qualidade da crônica cantada em “Diário de um Detento”, original, sim, à medida que serve como modelo ou referência para outros textos. Ou seja, se quiséssemos apenas ouvir esse *rap* em busca de elementos que nos informassem sobre uma determinada realidade social, a obra já se mostraria útil (GARCIA, 2007, p. 188).

Portanto, é possível dizer que o sucesso de “Sobrevivendo no Inferno” vai além das (1,5) milhões de cópias vendidas: a obra, indiscutivelmente, tornou-se um documentário periférico. Através do álbum, os Racionais MC's possibilitaram a criação de um canal que expôs a

realidade periférica para o restante do Brasil, feito esse que possibilitou um diálogo das favelas com outras classes sociais, reforçando a característica do Rap de ser “a voz das minorias”.

4. SEMELHANÇAS ENTRE O CORTIÇO E SOBREVIVENDO NO INFERNO

É perceptível que as características que estruturam o Naturalismo e o Rap compartilham semelhanças, principalmente pelo criticismo social apresentado através da narrativa que não romantiza o cotidiano. Também é válido ressaltar que ambos os estilos trazem foco em recortes marginalizados da sociedade. Tais abordagens, seja a ambientação, seja a classe social, seja a raça, são dificilmente representadas por obras artísticas como um retrato fiel da realidade vivenciada pelas minorias. Nesse sentido, o Rap e o Naturalismo são pioneiros de suas épocas ao expor uma parte excluída da sociedade por meio da música e da literatura. Segundo o crítico literário Davi Arrigucci Jr (2003, *apud* FONSECA, 2015, p. 94), podemos entender o rap até como uma extensão do próprio Naturalismo:

Tem uma poesia do rap e da cidade de São Paulo que é muito interessante, que é uma novidade. Ali tem uma poesia da periferia, [...] ali tem uma cidade pedindo ficção". Declarando que rap é poesia - uma poesia inusitada, porém poesia -, o crítico afirma que, em termos de estilo, a poesia presente no rap configurar-se-ia em uma espécie de neonaturalismo. (ARRIGUCCI, 2003, *apud* FONSECA, 2015, p. 94).

Porém, ainda que carregue nítidas similaridades com a escola naturalista do século XIX, o lado poético que integra o Rap não possui seu valor e importância literária reconhecidos em comparação ao Naturalismo. Considerando a observação de Ana Laura Boeno Malmaceda (2017):

Não sendo literatura em stricto sensu, fato é que o rap apresenta ao ouvinte um discurso marcadamente literário, baseado na narração de histórias e no hibridismo de formas artísticas. [...] Essas características estão de acordo com muitas das inovações que vêm sendo aportadas à Literatura, e são sintomáticas quando se pensa em dilemas taxonômicos pelos quais as artes em geral passam (MALMACEDA, 2017, p. 6).

Apesar da discussão quanto à literariedade do gênero musical seguir sem um consenso, podemos verificar que as comparações entre o Naturalismo e o Rap se estendem para além do caráter crítico-social que os engloba. O romance naturalista “O Cortiço” e o álbum “Sobrevivendo no Inferno” dividem traços de cunho narrativo, histórico e antropológico,

vinculações que podem nos guiar para ressaltar a importância literária do Rap, bem como a literariedade presente no gênero. Para Malmaceda (2017) os elementos que compõem a estética naturalista, mostram-se presentes, mesmo que de forma indireta e inconsciente, nas canções de “Sobrevivendo no Inferno” e reforçam a literariedade presente na realidade das letras dos Racionais MC’s.

Logo de início, o álbum expõe o que seria o cerne de todos os problemas descritos no disco e no livro. O homem, no prelúdio “Genesis”, contrasta com Deus e é considerado a origem dos problemas que assolam a vida na periferia. Fazendo alusão a bíblia, a música recita: “Deus fez o mar, as árvores, as crianças, o amor. O homem me deu a favela, o crack, a trairage, as armas, as bebidas, as puta.” (RACIONAIS MC’S, 1997).

Da mesma forma, Aluísio de Azevedo trabalha em seu romance as situações degradantes nas quais as personagens se encontram e como elas são exclusivamente frutos dos seus próprios atos. Seja indiretamente, através de conceitos mais abrangentes como racismo e pobreza, ou concebidos diretamente por aqueles que compõem os trabalhos, o ser humano é o principal responsável pelos problemas que recaem sobre ambas as obras.

Essa percepção, presente nas criações de Aluísio de Azevedo e dos Racionais MC’s, é evidenciada pelo comportamento materialista das personagens, atitude essa que, pautada em conceitos filosóficos, formou-se junto com o movimento naturalista. De acordo com José de Nicola (1995, p. 118), para se desgarrar do romantismo, que possuía apreço por experiências metafísicas e o espiritualismo, no naturalismo realista prevalece o caráter avarento de acúmulo de capital e bens materiais, característica que também atingiu o movimento nacional, como analisa Antônio Candido (1991):

Aliás, Aluísio foi salvo, erro meu, o primeiro dos nossos romancistas a descrever minuciosamente o mecanismo de formação da riqueza individual. Basta comparar o seu livro com as indicações sumárias de Macedo, Alencar ou Machado de Assis, nos quais o dinheiro aparece com frequência, mas adquirido por herança, dote ou outra causa fortuita. [...] N' O Cortiço ele se torna implicitamente objeto central da narrativa, cujo ritmo acaba se ajustando ao ritmo da sua acumulação, tomada pela primeira vez no Brasil como eixo da composição ficcional. (CANDIDO, 1991, p.115-116).

O deslumbre pelo consumo exorbitante de objetos de alto valor e sua ostentação também é alvo dos rappers. Seja pelo objetivo de criticar o gasto imprudente, seja pela simples demonstração supérflua de poder aquisitivo, o materialismo envolve o Rap da mesma forma que está presente na realidade de seus letristas.

A necessidade desse consumo se justifica pela legitimação do pertencimento, da busca pela visibilidade social, perseguida pelos jovens através da ostentação de signos como marcas esportivas globalizadas, cujos valores das peças são proibitivos para a maioria da sociedade (ASSUMPÇÃO, 2009, p. 52).

Em “O Cortiço”, João Romão é o principal personagem que simboliza a ganância exacerbada provocada pelo materialismo. O taverneiro português fazia qualquer coisa, desde privações a furtos, para economizar ao máximo e alcançar seu objetivo de enriquecer. Como narrado por Aluísio Azevedo (2006 [1890]), “Proprietário e estabelecido por sua conta, o rapaz atirou-se à labutação ainda com mais ardor, possuindo-se de tal delírio de enriquecer, que afrontava resignado as mais duras privações ” (AZEVEDO, 2006 [1890], p. 9). Tal "delírio de enriquecer" descrito pelo autor também é visível em uma das canções dos Racionais MC's. Na faixa “Capítulo 4”, Versículo 3”, há o relato sobre pessoas do círculo social que, assim como João Romão, também fazem de tudo para conseguir dinheiro: “Em troca de dinheiro e um cargo bom / Tem mano que rebola e usa até batom” (RACIONAIS MC’s, 1997).

A inveja motivada pelo desejo de ascender socialmente também rodeia a narrativa das duas obras. Sentimento vivido por João Romão ao perceber que Miranda, comerciante que rivaliza com o conterrâneo dono de taverna, está inserido em uma classe mais elevada que a dele. Apesar de estar rico, Romão ainda não é digno da nobreza do seu concorrente devido às suas amizades e a falta de bens que correspondessem a sua receita. Romão, que evitava privilégios por causa de sua cobiça, passou a invejar e admirar os gastos visando galgar uma nova classe social, como descrito por Aluísio Azevedo (2006 [1890], p. 102-103):

[...] aquele animal que se alimentava pior que os cães, para pôr de parte tudo, tudo, que ganhava ou extorquia; aquele ente atrofiado pela cobiça e que parecia ter abdicado dos seus privilégios e sentimentos de homem; aquele desgraçado, que nunca jamais amara senão o dinheiro, invejava agora o Miranda [...] E em volta do seu espírito, pela primeira vez alucinado, um turbilhão de grandezas que ele mal conhecia e mal podia imaginar, perpassou vertiginosamente, em ondas de seda e rendas, velado e pérolas, colos e braços de mulheres seminuas, num fremir de risos e espumar aljofrado de vinhos cor-de-ouro.

Os Racionais MC's também assumem esse lugar de admiração, nesse caso pelo respeito, *status* e dinheiro provenientes da criminalidade. Em “Tô Ouvindo Alguém Me Chamar”, o personagem exprime a vontade de entrar para o mundo do crime no intuito de alcançar o mesmo patamar de seu mentor:

Putaquele mano era foda.
Só moto nervosa.
Só mina da hora.
Só roupa da moda.
Deu uma pá de blusa pra mim.
Naquela fita na butique do Itaim.
Mas sem essa de sermão, mano, eu também quero ser assim.
Vida de ladrão, não é tão ruim (RACIONAIS MC'S, 1997).

Vemos, portanto, que a cobiça do taverneiro, em “O Cortiço”, atinge o ápice quando ele, para se livrar de amarras que lhe prendiam a uma classe inferior e finalmente alcançar a nobreza, cogita matar Bertoleza, que sempre lhe apoiou. A atitude de Romão contra a escrava é algo expresso e temido pelo mesmo protagonista de “Tô Ouvindo Alguém Me Chamar”:

Maior que o medo, o que eu tinha era decepção.
A traiagem, a pilantragem, a traição.
Meus aliado, meus mano, meus parceiro.
Querendo me matar por dinheiro. (RACIONAIS MC'S, 1997).

Em “O cortiço”, a relação exploratória entre João Romão e Bertoleza é fruto do caráter ambicioso do taverneiro. O português se aproveita da boa vontade e fidelidade da escrava de forma excessiva. Bertoleza é vista por ele como uma mera ferramenta que deve ser utilizada até o seu esgotamento mental e físico.

Bertoleza é que continuava na cepa torta, sempre a mesma crioula suja, sempre atrapalhada de serviço, sem domingo nem dia santo; essa, em nada, em nada absolutamente, participava das novas regalias do amigo; pelo contrário, à medida que ele galgava posição social, a desgraçada fazia-se mais e mais escrava e rasteira. João Romão subia e ela ficava cá embaixo, abandonada como uma cavalgada de que já não precisamos para continuar a viagem. Começou a cair em tristeza. (AZEVEDO, 2006, p. 137).

Esse vínculo de disparidade entre patrão e funcionário e a dependência vital do dinheiro também são temas abordados na canção “Periferia é Periferia”. Nos versos, os Racionais MC's narram uma rotina intensa de trabalho, que não possui uma remuneração equivalente e que se assemelha escravidão:

Hora extra é necessário pro alimento
Uns reais a mais no salário

Esmola de patrão cuzão milionário
Ser escravo do dinheiro é isso, fulano
Trezentos e sessenta e cinco dias por ano sem plano
Se a escravidão acabar pra você
Vai viver de quem? Vai viver de quê?
O sistema manipula sem ninguém saber
A lavagem cerebral te fez esquecer que andar com as próprias pernas não é difícil
Mais fácil se entregar, se omitir (RACIONAIS MC'S, 1997).

Na obra literária, quando a empregada não possui mais funcionalidade para o taverneiro e assume a forma de obstáculo para os objetivos dele, o patrão passa a ter o desejo de se desfazer da escrava e sua vontade vem a se consolidar com o suicídio dela. Na faixa “Diário de Um Detento”, essa temática é explorada ao precificar os presos e compará-los a objetos de valor. “Minha vida não tem tanto valor / Quanto seu celular, seu computador.” (RACIONAIS MC'S, 1997). Na mesma canção, também é retratada a descartabilidade humana, assim como a vivida por Bertoleza em “O Cortiço”: “O ser humano é descartável no Brasil / Como *Modess* usado ou Bombril” (RACIONAIS MC'S, 1997).

No livro de Aluísio de Azevedo, a relação entre João Romão e Bertoleza vai além da interação exploratória entre patrão e empregado, pois toca em aspectos raciais. Para compreendermos como essa dinâmica se entrelaça com o álbum “Sobrevivendo No Inferno”, precisamos voltar a nossa análise aos conceitos e contextos sociais e históricos que influenciaram a composição das obras. “O Cortiço” situa-se em meio a um período de transição pré-abolição da escravatura, que, apesar de ser um marco importante para os negros, não eliminou problemas de cunho racial e acabou criando novos. Mesmo estando livres, os negros ainda eram vítimas de racismo e da segmentação que os sujeitavam a condições iguais ou até piores que a escravidão, como aponta Florestan Fernandes (2008, p. 25):

A desagregação do regime escravocrata e senhorial se operou, no Brasil, sem que se cercasse a destituição dos antigos agentes de trabalho escravo de assistência e garantias que os protegessem na transição para o sistema de trabalho livre. [...] O liberto se viu convertido, sumária e abruptamente, em senhor de si mesmo, tornando-se responsável por sua pessoa e por seus dependentes, embora não dispusesse de meios materiais e morais para realizar essa proeza nos quadros de uma economia competitiva.

A má administração desses problemas pós-abolição formou uma série de fatores que impactaram a vida dos negros no Brasil e, um século mais tarde, ainda ressoavam nas letras dos

Racionais MC's. Tais entraves formularam o conceito de racismo institucional, prática que limita a minoria negra a ocupar certos espaços de cunho social, profissional e financeiro. Para Silvio Almeida (2019, p. 27):

A concepção institucional significou um importante avanço teórico no que concerne ao estudo das relações raciais. Sob esta perspectiva, o racismo não se resume a comportamentos individuais, mas é tratado como o resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça.

No romance naturalista, Bertoleza assume um papel de total subalternidade diante de João Romão. A empregada se conforma com sua posição, mesmo com a possibilidade de ser independente por meio da aquisição da carta de alforria, devido aos conceitos apresentados anteriormente e o pensamento de que não seria possível prosperar sem o auxílio do “homem branco”. Aluísio Azevedo (2019, p. 14), denota, assim, o comportamento de Bertoleza: “Ele propôs-lhe morarem juntos e ela concordou de braços abertos [...] Porque, como toda a cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua”. Tal raciocínio, limitado e conformista, de Bertoleza e suas motivações também podem ser esclarecidos a partir desse enunciado de Silvio Almeida (2019, p. 47):

Pessoas negras, portanto, podem reproduzir em seus comportamentos individuais o racismo de que são as maiores vítimas. Submetidos às pressões de uma estrutura social racista, o mais comum é que o negro e a negra internalizem a ideia de uma sociedade dividida entre negros e brancos, em que brancos mandam e negros obedecem.

Os Racionais MC's também trabalham sobre essa ideia em “Capítulo 4, Versículo 3” por meio da figura do “Preto Tipo A”. A música narra sobre um homem negro, bem-conceituado em sua comunidade, que caiu em desgraça e esquecimento ao tentar se inserir em um espaço no qual não pertencia social e financeiramente:

Você vai terminar tipo o outro mano lá
Que era um preto tipo A... ninguém tava numa [...]
Um jeito humilde de ser no trampo e no rolê [...]
Exemplo pra nós... mó moral, mó ibope
Mas começou a colar com os branquinho do shopping
Ai já era... Ih, mano, outra vida, outro pique
Só mina de elite, balada, vários drinques
Putá de butique, toda aquela porra [...]
Tem uns quinze dias atrás eu vi o mano
Cê tem que ver... pedindo cigarro pros tiozinho no ponto
Dente tudo zuado, bolso sem nenhum conto [...]
Agora não oferece mais perigo

Viciado, doente, fudido... inofensivo (RACIONAIS MC'S, 1997).

Percebemos que a situação é semelhante com que aconteceu com Bertoleza que, com os fatos que sucedem sua afinidade com João Romão, torna-se mais um exemplo de “Preto Tipo A”. Ao prosseguir com a canção, o letrista também introduz a figura do demônio e atribui tais problemas ao mesmo:

Irmão, o demônio fode tudo ao seu redor
Pelo rádio, jornal, revista e outdoor
Te oferece dinheiro, conversa com calma
Contamina seu caráter, rouba sua alma
Depois te joga na merda sozinho
Transforma um preto tipo A num neguinho (RACIONAIS MC'S, 1997).

A figura bíblica, de caráter persuasivo, representa a origem dos pecados e do mal presente no mundo, da mesma forma que o homem mencionado na faixa “Genesis”. Homem este que se transcreve através da personalidade manipuladora, materialista e corrupta de João Romão no romance “O Cortiço”. Agindo conforme o descrito pela música, o taverneiro ilude Bertoleza, rouba suas finanças e, por fim, a “joga na merda” sozinha.

No início da faixa “A Fórmula Mágica da Paz”, os Racionais MC's assemelham a imagem da favela com a de um campo minado. Tal descrição é compatível com o aspecto conturbado desses ambientes, seja o Capão Redondo, seja o cortiço Cabeça de Porco. Os problemas citados nas duas obras são inúmeros, voláteis e possuem diversas proporções como bombas em um campo minado. Tais adversidades podem ser de natureza mais simples, como a falta de caráter das mulheres, como mencionado a seguir:

Não tem ibope, não tem rolê sem dinheiro
Sendo assim, sem chance, sem mulher
Você sabe muito bem o que ela quer, é
Encontre uma de caráter se você puder (RACIONAIS MC'S, 1997).

Essa afirmação que pode ser relacionada com os adultérios cometidos por personagens que habitam o cortiço, como Leocádia e Dona Estela. Além dessa temática, as obras “O Cortiço e Sobrevivendo no Inferno” também abrigam problemas de maior complexidade, como o abuso policial. Vejamos exemplos retratados, respectivamente, nas faixas “Em Qual Mentira Vou Acreditar e Mágico de Oz”, assim como em um trecho do romance de Aluísio de Azevedo:

Ôh, que caras chato ó,

Quinze pras onze eu nem fui muito longe
E os home embaçou.
Revirou os banco, amassou meu boné branco,
Sujou minha camisa do Santos.

Conhece puta, traficante, ladrão
Toda raça, uma pá de alucinado e nunca embaçou
Confia nele mais do que na polícia
Quem confia em polícia? Eu não sou louco!

A polícia era o grande terror daquela gente, porque, sempre que penetrava em qualquer estalagem, havia grande estropício; à capa de evitar e punir o jogo e a bebedeira, os urbanos invadiam os quartos, quebravam o que lá estava, punham tudo em polvorosa. Era uma questão de ódio velho (AZEVEDO, 2006, p.114).

Esse e outros inúmeros problemas impactam direta e indiretamente na vida daqueles que estão inseridos nesse cotidiano, demonstrando o potencial transformador desses ambientes. Qualquer um que presencia diariamente tais atos estão propensos a ser lapidado por eles, como expressado em “Capítulo 4, Versículo 3”:

Quatro minutos se passaram e ninguém viu
O monstro que nasceu em algum lugar do Brasil
Talvez o mano que trampa debaixo do carro sujo de óleo
Que enquadra o carro forte na febre com o sangue nos olhos
O mano que entrega envelope o dia inteiro no sol
Ou o que vende chocolate de farol em farol
Talvez o cara que defende o pobre no tribunal
Ou o que procura vida nova na condicional (RACIONAIS MC’S, 1997).

No romance naturalista, a influência que o ambiente do cortiço exerce sob seus moradores também é notável e atinge todos. O autor exemplifica tal questão principalmente por meio do personagem Jerônimo. O português, que pela sua honestidade e estabilidade emocional e financeira destoa em relação aos demais moradores do cortiço, passa a habitar o Cabeça de Porco após conseguir uma vaga de gerente da pedreira. Aluísio Azevedo (2006, p. 50), descreve o personagem da seguinte forma:

Era homem de uma honestidade a toda prova e de uma primitiva simplicidade no seu modo de viver. Saía de casa para o serviço e do serviço para casa, onde nunca ninguém o vira com a mulher senão em boa paz; traziam a filhinha sempre limpa e bem alimentada, e, tanto um como o outro, eram sempre os primeiros à hora do trabalho.

Mas, conforme o desenrolar da história, a personalidade de Jerônimo vai mudando ao ser influenciada pelo meio e principalmente devido a sua atração pela moradora Rita Baiana. Na tentativa de chamar a atenção da “mulata” (termo usado no livro), o trabalhador abre mão dos seus princípios e costumes portugueses e passa a viver de forma abasileirada como Rita:

“O tal seu Jerônimo, dantes tão apurado, era agora o primeiro a dar o mau exemplo! Perdia noites no samba! Não largava os rastros da Rita Baiana e parecia embeijado por ela!” (AZEVEDO, 2006, p. 109). A proximidade dos dois acaba gerando ciúmes na esposa do português e, principalmente, em Firmo, amante da Baiana e possuidor de uma personalidade oposta à que Jerônimo originalmente tinha.

Durante uma briga, firmo, motivado pelo mesmo sentimento de ciúmes e pela desconfiança de uma possível traição de Rita, tenta assassinar Jerônimo com uma facada. Tempos depois, o sobrevivente se vinga do rival e mata Firmo em uma emboscada. Tal transformação, motivada por um ciclo de violência irracional, também é representada na música “Periferia É Periferia”, dos Racionais MC’s. A letra narra a passagem de um trabalhador como Jerônimo, que tem sua postura alterada pelo cotidiano periférico, e que, após se vingar de quem havia lhe roubado, torna-se um criminoso também:

O ódio toma conta de um trabalhador
Escravo urbano, um simples nordestino
Comprou uma arma pra se auto-defender
Quer encontrar o vagabundo desta vez não vai ter... "boi" [...]
A revolta deixa o homem de paz imprevisível
E sangue no olho, impiedoso e muito mais
Com sede de vingança e prevenido
Com ferro na cinta, lembra na... madrugada de quinta.
Um pilantra andando no quintal.
Tentando, roubando as roupas do varal.
Olha só como é o destino, inevitável
O fim de vagabundo, é lamentável
Aquele puto que roubou ele outro dia
Amanheceu cheio de tiro, ele pedia (RACIONAIS MC’S, 1997).

Observamos que o descrito acima é semelhante ao que acontece com Jerônimo, que após o assassinato de firmo, foge com Rita Baiana e abandona trabalho, esposa e filha para viver uma vida totalmente contrária aos seus princípios e costumes iniciais. Logo, o olhar amplo e coletivo da narrativa de Aluísio Azevedo, que posiciona o próprio cortiço como protagonista, também está presente em “Sobrevivendo no Inferno”.

Entretanto, ressaltamos que, apesar de retratar a realidade vivida no Capão Redondo e outras comunidades periféricas de São Paulo e diferentemente do que faz Aluísio Azevedo, que atribui características humanas ao cortiço, os Racionais MC’s abordam questões e situações

presentes no cotidiano de todas as favelas brasileiras, reconhecendo e reforçando o protagonismo da periferia – como na última faixa do álbum: “Salve”.

Sendo assim, a periferia e sua realidade assumem o papel de personagem principal nas canções dos Racionais MC’s. Além do sucesso e reconhecimento em todo o Brasil, a amplitude representativa de “Sobrevivendo no Inferno” proporcionou a criação de um canal que expôs a realidade periférica para fora da periferia. O Rap dos Racionais deu a possibilidade desses espaços excluídos estabelecerem um diálogo com outros campos da sociedade, conforme já afirmamos anteriormente, assim como “O Cortiço”, de Aluísio de Azevedo, que abriu um novo olhar dentro da literatura brasileira.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos perceber na análise, “O Cortiço” e “Sobrevivendo no Inferno” carregam similaridades de âmbito social e histórico que compõem ambas narrativas. Dessa forma, podemos considerar que tais semelhanças podem confirmar a literariedade e a importância literária da poesia que compõe o Rap, bem como nas as letras do grupo Racionais MC’s.

Apesar das evidências, os debates que circundam essa questão estão distantes de se encerrarem. Isso se deve, pois, pelas discussões que, muitas vezes, englobam aspectos que vão além da literatura para determinar a relevância de uma obra nessa área. A dificuldade de inserção de um estilo marginalizado ao cânone literário é barrada por preconceitos, dos quais alguns foram expostos no presente artigo e continuam atuando até os dias de hoje, de cunho histórico, social e estrutural.

Mesmo com os lentos avanços, é perceptível que, direta ou indiretamente, os Racionais MC’s vêm impactando o espaço literário e influenciando outros artistas do mesmo gênero musical. Além disso, vemos que os próprios rappers também estão começando a se inserir na comunidade literária, como, por exemplo, MV Bill, Eduardo Taddeo e Emicida, que conseguem demonstrar, através dos livros, as suas diversas qualidades narrativas.

Com a conclusão deste artigo podemos verificar que, embora ainda existam inúmeros obstáculos, o impacto social proporcionado pelo Rap presente em “Sobrevivendo no Inferno” pode ser transportado para o âmbito literário. Dessa forma, com as semelhanças evidenciadas por meio do paralelo traçado com “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, os Racionais MC’s reforçaram o potencial enorme que o Rap possui de agregar diferentes pontos de vistas e novos valores à literatura no que se refere à valorização da periferia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

CANDIDO, Antônio. De Cortiço ao Cortiço. **Novos Estudos**, São Paulo, v. 2, n. 30, 1991, p. 111-129.

ASSUMPTÃO, Gleice Aparecida de. **As representações sociais do Rap brasileiro na mídia Regional da cidade**. 2009. 295 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

277

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. São Paulo: Escala Educacional, 2006 [1890].

BALBINO, Jessica. Pelo Brasil. [Entrevista concedida a]. BUZZO, Alessandro. **Hip-hop: dentro do movimento**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2010, p. 132-185.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1980.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2008.

FONSECA, Ana Silvia. Com que currículo eu vou pro rap que você me convidou? **Rev. Inst. Estud. Bras.** (62), Dez. 2015, p. 91-111.

MAINGUENEAU, Dominique. **O Contexto da Obra Literária: enunciação, escritor, sociedade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MALMACEDA, Ana Laura Boeno. **A literatura nas canções dos Racionais MC’s: uma análise comparatista à luz de Rubem Fonseca, Paulo Lins e Ferréz**. 2017. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras Português, Universidade de Lisboa, Rio Grande do Sul, 2017.

NICOLA, José de. **Literatura Brasileira**: das origens aos nossos dias. 11. ed. São Paulo: Scipione, 1995.

OLIVEIRA, Letícia Furlan de. **Urbanização de Favelas**: da espontaneidade à cidade formal. 2010. 113 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Bauru, 2010.

OLIVEIRA, Acum Silvério de. O evangelho marginal dos Racionais MC's. In: RACIONAIS MC'S. **Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 19-41.

RACIONAIS MC'S. **Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Cosa Nostra, 1997.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1915.

YUKA, Marcelo. Muitos falam, poucos conhecem. E o que fazem?. In: LEAL, Sérgio J. M. **Acorda hip-hop!** Despertando um movimento em transformação. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007, p. 14-15.